

CARTA DOS EDITORES AOS QUE SEMEIAM EM TEMPOS DE CRISE

*Raquel dos Santos Duqueⁱ
Henrique Rodrigues Moreiraⁱⁱ*

Sendo este o nosso número inaugural, não poderíamos nos restringir apenas à tradicional apresentação dos trabalhos que vocês, caros leitores e caras leitoras, poderão encontrar nesta edição. Para nós é importante contarmos um pouco do processo de criação e de onde falamos.

A trajetória deste periódico que vos apresentamos inicia-se com o encontro das professoras Dr^a Gisele de Almeida e Dr^a Jacqueline Deolindo, ambas do departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense, localizado em Campos dos Goytacazes-RJ.

Ao se encontrarem durante o processo de criação do Laboratório de Estudos em Métodos em Ciências Sociais (LEMECS), as professoras Jacqueline e Gisele reacenderam um projeto sonhado já há algum tempo por colegas discentes do departamento: a criação de um periódico que pudesse ser conduzido pelos (as) estudantes de Ciências Sociais.

Foi então que decidiram levar o projeto a cabo e convocar estudantes que pudessem estar dispostos a contribuir com sua criação e manutenção.

Encontramo-nos no decorrer do segundo semestre do ano letivo de 2018 e, apresentado o projeto e realizado o processo seletivo, onze jovens estudantes passaram a se dedicar à construção do editorial.

Alunos e alunas de períodos distintos, com fome de conhecimento.

Sabíamos desde aquele momento que o editorial deveria vir com algumas missões. Dentre elas: fomentar e receber a produção científica de graduandos (as), e celebrar este lugar que nos acolhe: Campos dos Goytacazes, maior cidade em extensão territorial do estado do Rio do Janeiro e a mais populosa do interior. Planície que entrou para a história do país por ter sido grande polo de produção de cana-de-açúcar e, na história recente, da exploração de poços de petróleo.

Cidade que acolhe gente vinda de todos os cantos do país, muitas delas estudantes que encontram nas universidades instaladas na cidade a oportunidade de obter um diploma de nível superior.

A despeito das suas características históricas e socioeconômicas que a fazem se destacar, Campos sofre com as mazelas

e os esquecimentos que se fazem pesar sob a vida social das cidades interioranas.

Como não poderia ser diferente, o próprio meio universitário e o meio de produção intelectual também tem de enfrentar este problema a fim de se estabelecerem.

Queríamos, então, através da identidade deste periódico, enfatizar as produções intelectuais que aqui são feitas, assumindo a missão de permitir que a partir daqui, gerações de jovens pesquisadores (as) tivessem a oportunidade de apresentar ao público os seus trabalhos.

Surge daí, a ideia do nome “Planície Científica”, através de enquete aberta para todos e todas alunas do curso de Ciências Sociais. Um nome que pudéssemos correlacionar com o lugar que o campus se encontra e com o ambiente científico.

Para além dos desafios comuns e pertinentes a um projeto tal como este, deparamo-nos com as questões conjunturais que afetam a vida social do país como um todo.

É fato público que enfrentamos diversas crises ao longo dos últimos anos, com rupturas políticas graves, mal-estar institucional, tensões entre as instituições, eleições políticas de ânimos elevados, crises e acidentes ambientais, aprofundamento nos problemas sociais

estruturais e históricos do país, grave crise econômica, desemprego elevado, crise na educação, números alarmantes nos indicadores sobre a segurança pública e outra infinidade de problemas.

Embora muitos destes não sejam uma novidade em nossa história nacional, a sensação é que num curto período de tempo a “turbulência” se intensificou.

Para fazer soma a estas questões, ainda surgem graves ofensas e ameaças às instituições superiores de ensino, que passam a entrar na mira de movimentos políticos que as veem como problema, não como propositoras de soluções às crises.

Assistimos ataques públicos vindos de grandes personalidades e lideranças políticas aos profissionais que dedicam uma vida inteira a pensar, refletir e formular agendas de pesquisa que os fizessem mergulhar de cabeça nas questões mais urgentes ao povo brasileiro. Sentimo-nos, como cientistas sociais formados ou em formação, também dentre estes profissionais “sob suspeita”.

Tínhamos o entendimento de que o periódico deveria vir, também, com o propósito de ser não só uma afirmação da produção científica na graduação, da produção intelectual a partir das cidades do interior, mas também como afirmação da produção a partir das Universidades

Públicas, da ciência e, sobretudo, das ciências humanas e sociais.

Todo o processo de editoração foi traçado por experiências, medos, alegrias, frustrações, inquietações. Tivemos de aprender, na prática, como se fazer. E as relações interpessoais que foram costuradas no decorrer das atividades foram imprescindíveis ao resultado final.

Deparamo-nos, então, com outras pessoas dispostas a contribuir com estes desafios e com a construção da Revista Discente. De início, foram os pesquisadores e as pesquisadoras que responderam nossa chamada para pareceristas *ad hoc*.

Estes (as) que nos ajudariam a escolher os trabalhos que comporiam nossas edições, conferindo um processo transparente, responsável e comprometido com a qualidade do conhecimento científico publicizado.

Gente de todo canto do país, de diversas afiliações institucionais e das mais variadas linhas de pesquisa, estudo, e formação possíveis, disposta a participar de uma das etapas mais importantes do processo de editoração.

Em seguida vieram os trabalhos, que nos honraram com o interesse em serem publicados conosco. E uma vez mais percebemos ampla variedade nos trabalhos recebidos.

Em seguida, contamos com o apoio dos revisores e tradutores que nos auxiliaram a finalizar o processo de editoração e deixar os trabalhos ainda melhores.

E é graças a esse esforço e a tanta gente que se mobilizou, que podemos, agora, apresentar ao público leitor trabalhos como o de Suelen Backes, no artigo “*A teoria do duplo fluxo da comunicação e os influenciadores digitais como líderes de opinião*”, o artigo de Alexandra dos Santos e Camilla Silva, que nos apresentam o seu “*Mídia e Violência: regras e exceções na cobertura de homicídios em Campos dos Goytacazes-RJ*”, e o ensaio de Luiz Felipe Jordão Souza, em “*Os meios de comunicação de massa e a absorção de simbolismos nos hábitos de consumo do Brasileiro*”.

Nestes três trabalhos vemos uma preocupação que se volta aos meios de comunicação, seus modos de interpretação e de produção de sentidos sobre determinados fenômenos sociais e suas implicações nos modos de sociabilidade, interação e consumo, provocando transformações na realidade social.

Através do artigo “*Análise fílmica de Elena (2012): a hierarquia de valores*”, de Gabriel Bon Rabello, e do ensaio “*O público e Basquiat*”, de Marina Batista, observamos o potencial de análise das

teorias sociais, que podem explorar a produção artística desde a sua construção e de suas narrativas, tal como demonstrado por Rabello através de uma análise fílmica, até o modo como ela pode ser experimentada num espaço público, como demonstrado pela pesquisa etnográfica de Batista.

Outra pesquisa etnográfica nos é apresentada em *“A casa e a praça: Regência Augusta-ES no contexto pós-desastre socioambiental”*, de Tamara Teixeira. A pesquisa da autora mergulha profundamente nas consequências sociais de um desastre ambiental, bem como o modo que ele afeta as formas de sociabilidade dos moradores de uma vila na cidade capixaba de Linhares-ES, afetada pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG, em 2015.

Se nos dois trabalhos citados anteriormente observamos os resultados de uma etnografia, em *“Do evangelho ao candomblé”*, Ozaías Rodrigues nos apresenta as reflexões sobre como se realizar uma pesquisa etnográfica, reconstituindo o empreendimento desde o surgimento de uma questão antropológica que move os pesquisadores até a entrada no campo, estratégias recorridas e as dificuldades percebidas.

E se Ozaías discute em seu relato as fronteiras entre o pensamento científico e

as características da pesquisa social que toma as religiões como objeto de estudo e realidade observada, Victor Gama nos apresenta o pensamento de Peter Berger em sua resenha *“As religiões e seus paradigmas na modernidade”*, conduzindo-nos ao argumento de que a religião encontra espaço para se ressignificar e se renovar ante o fenômeno da modernidade.

Em *“Gungunhana: a construção de um herói moçambicano”*, Vitória Wermelinger reconstitui a biografia do último imperador de Gaza, hoje território de Moçambique. A autora investiga a construção da imagem de Gungunhana como herói nacional frente a resistência à colonização portuguesa.

Em *“A inclusão dos alunos surdos na educação básica das escolas municipais de Campos dos Goytacazes-RJ”*, Teresa Monteiro nos apresenta brevemente sua pesquisa realizada em três escolas da cidade, apontando que há ainda muito trabalho a ser feito para que as escolas públicas tenham condições de receber estudantes surdos (as) com dignidade.

A cidade de Campos aparece uma vez mais em *“Metrópole, Submetrópole e Província no estado do Rio de Janeiro”*, no qual Arthur Soffiatti explora a produção intelectual na província.

Permanência e produção intelectual numa cidade do interior também são dois dos temas abordados na “*Entrevista com a professora Conceição Muniz*”, cuja história de vida encontra a história da construção do que é, hoje, o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, uma das instituições mais importantes na história contemporânea da planície do Norte-fluminense.

Completam esta edição trabalhos ficcionais, por entendermos que a produção artística alimenta o espírito científico, bem como ela mesma pode suscitar importantes provocações e questionamentos a partir dos quais a ciência inicia suas investigações. É o caso do poema “*Desventuras de um corpo qualitativamente marcado*”, de Carmen Macedo, que questiona as diversas formas de manifestação do racismo na produção científica – ou os limites de acesso que a este espaço de produção intelectual são impostos.

Por fim, apresentamos ao longo destas linhas a breve trajetória da Revista Discente. Experiência marcada por diversos e prazerosos encontros.

Mãos que se seguraram e se apoiaram, que trocaram ferramentas, experiências, saberes... Trocas sem as quais qualquer iniciativa não seria possível de se concretizar.

Desde o projeto piloto das professoras supervisoras às ideias dos (as) discentes que se dedicaram à construção do editorial, passando pela contribuição dos pareceristas, autores e autoras, revisores, tradutores até o designer que gentilmente nos deu a nossa identidade visual... Todos e todas compartilhando um propósito.

Todos e todas semeando, apesar das dores através das quais as transformações e as inquietações sociais se fazem sentir na vida pessoal. Todos e todas buscando semear um trabalho que pretende ter contribuições efetivas à produção intelectual deste país.

Semeando um trabalho que pretende deixar importantes legados às nossas comunidades.

E falamos em “semear” pois o trabalho não se finaliza com a publicação.

Semear é algo que se inicia, amadurece e gera frutos.

Esperamos que estas sementes germinem, que floresçam e que encontremos muitos (as) outros (as) dispostos a continuar – apesar das atribulações.

Esta carta se presta a homenagear todos e todas que semearam, mesmo em tempos de crise.

Desejamos uma boa leitura!

Campos dos Goytacazes, junho de 2019

i Licenciada e Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR. Editora-executiva da Revista Discente Planície Científica.

ii Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR. Editor-executivo da Revista Discente Planície Científica.